

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a instalação dos franciscanos no morro de Santo Antônio, no princípio do século XVII, o local se tornou o centro da devoção antoniana da região. É muito difícil determinar quando Antônio chegou ao Rio de Janeiro. O certo é que foi antes dos frades. A devoção já havia providenciado a construção de uma capela, a “morada” do santo, num morro que acabou batizado pelo nome do próprio, assim como ocorreu com a lagoa em frente. Portanto, quando os franciscanos aqui chegaram para ficar, Santo Antônio já estava à sua espera, juntamente com São Francisco. Ao que tudo indica, em terras fluminenses, o segundo da Ordem parece ter ultrapassado seu patriarca em importância desde os primeiros tempos, pois enquanto ao lisboeta haviam sido dedicadas uma confraria, uma ermida, um outeiro e uma lagoa, ao santo de Assis coubera apenas uma confraria.

Os frades pretenderam o monopólio do culto a Santo Antônio. Manter sob exclusividade uma devoção tão popular como a antoniana garantiria aos franciscanos os fieis previamente existentes na cidade. Além disso, poderia funcionar como uma forma de delimitar seu território físico e espiritual, afinal Antônio, mesmo sendo franciscano, também era objeto de devoção das demais ordens.¹

Para o Estado português, a devoção antoniana também era de grande utilidade. Se colonizar implicava na formação tanto de súditos quanto de fieis, em Antônio estavam conjugados os dois interesses: o bom vassalo e o bom cristão. Era, portanto, o exemplo a ser estabelecido.

Assim, dentro desse duplo propósito, Estado e Igreja contribuíram com a expansão e o fortalecimento do culto a Antônio. Contudo, a dinâmica de uma devoção vai além de normas que queiram controlá-la. Trata-se de um fenômeno vivo, mantido pela fé dos fieis, que acabam por configurá-la de acordo com a sua

¹ A título de exemplo: em Olinda, os carmelitas haviam batizado sua igreja de Santo Antônio do Carmo. Os jesuítas foram divulgadores da devoção antoniana, que teria em Vieira seus mais célebres sermões.

realidade, seus interesses, sua experiência histórica, ou seja, lhe conferindo plasticidade.

Como recursos auxiliares na ação evangelizadora, as imagens do santo se espalharam pela colônia. Dentro da cultura persuasiva do Barroco, a prática do uso de imagens funcionava como caminho à sensibilização dos fieis que, por vezes, as tratavam como os próprios representados. Assim, a posse de uma imagem significava também a posse do santo pelo devoto. Íntimos dos santos, seus fieis impunham-lhes castigos em troca de favores, próprios da prática do “toma-lá-da-cá” que caracterizou a religiosidade popular na colônia.²

A algumas imagens atribuiu-se a aura do maravilhoso. Tal foi o caso do Santo Antônio do Arguim, na Bahia, milagrosamente salvo do mar após ser “seqüestrado” e “martirizado” por protestantes franceses; ou a imagem que “suou” durante a batalha entre pernambucanos e invasores holandeses; ou a carioca, cuja cabeça apareceu misteriosamente à porta do convento.

Santo Antônio era o santo milagreiro. Tal fama, inclusive, justificou o processo de canonização mais rápido da história da Igreja. Foi canonizado porque não havia dúvidas de seus milagres. Contudo, antes disso o povo já o havia consagrado santo. E foi entre o povo que a devoção a Antônio permaneceu viva, forte, plástica.

A plasticidade de uma devoção é uma propriedade dinâmica e, portanto, variável conforme o contexto em que venha a se manifestar. Ela se caracteriza não apenas pela diversidade de atributos que a devoção possa vir a receber da mesma sociedade, mas na transformação de seus significados ao longo do espaço e do tempo. Logo, o Santo Antônio que o Rio de Janeiro conheceu, sobretudo a partir da invasão de 1710, não era o mesmo de qualquer outro lugar ou época. O santo dos cariocas não era o mesmo santo guerreiro que a Bahia ou Pernambuco conheceram. Os tempos eram outros, as regiões coloniais eram outras. De certo havia uma rede de trocas de informações na dinâmica colonial, contudo conhecer pelo ouvir dizer não tinha a mesma implicação do conhecer pelo fazer uso, pelo vivenciar, pelo apropriar.

Plasticidade implica em adaptabilidade. Antônio, que havia vivido em outra realidade histórica, foi adaptado às diversas realidades coloniais graças às

² SOUZA, Laura de Mello, *O diabo e a terra de Santa Cruz*, p. 115.

apropriações de seus devotos. Episódios ocorridos na Europa medieval, como os pintados na capela-mor, podiam ser transferidos em tempo e espaço conforme a apropriação de seus leitores.³

A adaptabilidade própria da plasticidade revelou-se também na feição combativa do santo. Na Europa medieval, a alcunha de “Martelo dos hereges” havia sido conferida a Antônio por sua ação combativa às heresias. Na América portuguesa, hereges eram antes de tudo os invasores estrangeiros, em sua maioria, protestantes. Contudo, o maior perigo que ofereciam não estava em suas ideias, mas na ameaça que representavam à soberania portuguesa sobre as terras coloniais. Portanto, nosso “Martelo dos hereges” deveria conjugar as funções de combatente de heresias com a de soldado. Nesse raciocínio, o Santo Antônio militar era tanto o santo que combatia os hereges, identificados como os invasores estrangeiros, quanto o santo deparador, a quem se recorria na luta da restauração da terra ameaçada.

A tradição de ter santo Antônio como o santo que auxilia a encontrar o que foi perdido é antiga. Contudo, no mundo lusitano, de restaurador de objetos perdidos Antônio se tornou restaurador de causas, dentre as quais a principal foi a soberania, pela qual o santo lutou como um soldado. Foi, portanto, militarizado e recompensado com soldos. Soldos esses que garantiram a manutenção oficial de sua devoção, seja pela realização regular de sua festa ou pela manutenção de sua capela.

A base escravista da América portuguesa acabou por consolidar outra atribuição ao santo deparador. Os quilombos significavam ameaça à ordem instituída e, portanto, ao poder da Igreja e do rei. Assim, a plasticidade permitiu que, conjugado à imagem de soldado e deparador, Santo Antônio se tornasse capitão do mato. Curioso, porém, é o fato de tal condição não ter provocado a impopularidade do santo entre os negros. Prova disso, é que desde o século XVIII o santo já havia integrado o panteão de diferentes rituais afro-brasileiros: calundus, acotundá e umbanda.⁴ Nesse caso, a propriedade de plasticidade o

³ Às vezes, a visualidade podia facilitar tal processo. A dupla cena relativa ao milagre da “bilocação para tirar o pai da forca”, por exemplo, foi representada com seus personagens em trajes do século XVIII e não do XIII de acordo com a história que se propunha a contar.

⁴ MOTT, Luiz, “Santo Antônio, o divino capitão-do-mato”, In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.), *Liberdade por um fio*, p. 130.

“absolvía” entre os africanos, para quem o santo tinha suas próprias atribuições, ou seja, o Antônio dos negros não era o mesmo Antônio dos brancos.

A plasticidade permite a conjugação de várias atribuições. Assim, o santo deparador, militar, capitão do mato e combatente das heresias era ainda o santo que intervinha nas causas matrimoniais. De certa forma, Santo Antônio era casamenteiro porque era deparador, pois encontrava aquilo que ainda não havia sido encontrado, o casamento.

Como casamenteiro, Antônio tornou-se vítima das donzelas que o trancavam no fundo do poço. O mesmo santo militar que protegia as cidades contra os exércitos inimigos era o santo encerrado no fundo de poços úmidos e escuros até que casamentos fossem arranjados. Isso se tornava possível também devido à sua plasticidade.

Antônio era ainda o santo do socorro e do cuidado. Era o advogado dos injustiçados e que curava os doentes. A ele recorriam sobretudo as mães que imploravam pela proteção, cura e vida de seus filhos. Sua representação com o Menino Jesus no colo permitia que as mães com ele se identificassem, pois tratava-se de uma iconografia que evocava a maternidade própria da “linguagem no feminino” que o Barroco havia resgatado. Na sua adaptação à cultura barroca, a iconografia antoniana na qual o Menino Jesus se fazia presente se fortificou com a presença da própria Virgem entregando seu filho ao Santo. Dessa forma, manifestava-se mais uma propriedade da plasticidade da devoção: sua atualidade.

Mergulhar numa pesquisa tem suas implicações. Mesmo naqueles momentos em que propomos “dar uma pausa”, somos surpreendidos no exercício de reflexão sobre nosso objeto de estudo. Quantos *insights* me ocorreram longe dos livros e da tela do computador. Há algum tempo, andando pelas ruas de Botafogo, olhei para cima, mais pelo hábito de ficar em frente ao Corcovado, respirar fundo e lembrar quão linda é esta cidade. Botafogo tem esse privilégio: sua localização nos permite ficar cara a cara com o Cristo. Por alguns instantes, dá até para esquecer os problemas da cidade e associar a visão dos “braços abertos sobre a Guanabara” à ideia de conforto e proteção.

Num desses dias de caminhada, não lembro qual – o rigor metodológico ainda não me atingiu dessa forma –, ao pensar nessa ideia de conforto e proteção que a visão que o Cristo Redentor pode causar, me peguei pensando na imagem

do Santo Antônio do Relento. O santo, após sua consagração militar com a vitória sobre os franceses em 1710, foi colocado sobre o frontispício da portaria da igreja na parte alta do morro. Diante dele, o largo da Carioca e toda a cidade, já que os limites urbanos terminavam no morro de Santo Antônio e na rua da Vala, atual Uruguaiana. Portanto, a ideia protetora que o Cristo pode fornecer já era antiga na cidade. A imagem de Santo Antônio do Relento exerceu esse papel no Rio dos setecentos e, mesmo após a expansão urbana no século XIX, permaneceu nessa condição. Desde o século XVIII, uma tênue luz passou a ser acesa todas as noites diante da imagem, de forma a lembrar que o santo estava ali a proteger a cidade. Os tempos mudaram e a lamparina foi substituída por uma lâmpada que continua lá, embora poucos saibam de sua história.

A imagem de Santo Antônio do Relento foi esquecida, mas a plasticidade da devoção não permitiu que o santo fosse esquecido. Prova disso é o constante fluxo de fieis no convento que, mesmo não sendo considerado um santuário, funciona como tal.⁵ Semanalmente, às terças-feiras, são rezadas várias missas ao longo do dia, todas muito concorridas. Durante a festa do santo a cada 13 de junho e a trezena que a precede, o largo da Carioca se enche de devotos que, em filas, tentam chegar à igreja em busca da benção de Santo Antônio.

⁵ MENEZES, Renata de Castro, *A dinâmica do sagrado*, p. 17.